

A referenciação na produção de efeito de humor no *Causo* e na *Piada*: interfaces*

Cláudia de Almeida Pontes**

Resumo

No presente trabalho, buscou-se, através de alguns Causos de Boldrin (2001), encontrar, sob o prisma dos estudos acerca da referenciação, uma interface com o gênero *Piada*. O objetivo da análise é tentar confirmar, através do processo de referenciação, se a aproximação entre esses gêneros se revela nos efeitos de humor. Esses dois gêneros, como será possível perceber, se aproximam não pela forma, mas pelos efeitos de sentido que pretendem evocar. É nesse ponto que o processo de referenciação se torna fundamental, pois é uma constante na produção de efeito de humor.

Palavras-chave: Referenciação, Gêneros textuais, Efeitos de sentido

Abstract

The present work, by looking, throughout some of Boldrin's popular story (2001) (Causos), has tried to find, through the prism of the studies about the reference an interface with the gender joke. The aim of the analysis is to try to confirm, through the process of reference if the approximation between these genders is evident in its purpose of humor. These two genders, as it will be shown, are brought together not by their form but throughout the effects of meaning that rises. That makes the process of reference crucial, as it is a constant in the production of effect of humor.

Key-words: Referenced, textual genres, Effects of meaning

Considerações Iniciais

Sempre tive em mente a hipótese de que um *causo* fosse uma atividade linguageira que recobrisse os fatos cotidianos ou de uma determinada cultura. Como diz a voz do senso comum: “quem conta um conto aumenta um ponto” e os *causos* – assim como vários gêneros textuais da modalidade oral – também têm seu ponto aumentado, personalizado, caracterizado..., o que não derrubava minhas hipóteses, desde que a essência dos fatos fosse legítima¹. É interessante notar a representação que contadores de *causos*, como Rolando

* Trabalho proposto pela professora Dra. Maria de Lourdes Matencio, na disciplina *Linguística Textual: oralidade, escrita e textualização*, no segundo bimestre de 2004.

** Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-Minas, *Campus* Coração Eucarístico.

¹ Koch (2003:77) assevera que “Blikstein defende a tese de que o que julgamos ser a realidade [legítimo/verdadeiro] não passa de um produto de nossa percepção cultural”.

Boldrin, têm desse gênero. Para ele, por exemplo, contar *causos* é “uma forma a mais de criticar o que está errado e valorizar a riqueza de nossa cultura, um jeito gostoso, enfim, de chamar atenção sobre a alma caipira que nos molda como povo”.

Exposta à obra de Boldrin (2001), intitulada “Contando *Causos*”, comecei a lê-la a partir de minhas hipóteses. Ao começar, alguns pontos me pareceram intrigantes: i) todos os *causos* vinham acompanhados de uma espécie de introdução; um chamamento e ii) quase todos provocavam um efeito de humor.

No que se refere ao primeiro ponto, é como se o contador quisesse seduzir/persuadir seu ouvinte/leitor a ouvir/ler o *causo* a ser contado. Nos *causos*, Boldrin cria uma expectativa no possível leitor, na tentativa de fazê-lo acompanhar o que está sendo tematizado. Porém, necessário se faz pensar que isso, talvez, se aproxime daqueles que preferem contextualizar, podendo ser tão somente uma das possíveis estratégias de construção do texto², ou seja, uma decisão do sujeito contador do *causo*. Quanto ao segundo ponto, os efeitos de humor me levaram a perceber os *causos* como “piada”, tornando possível pensar em embricamento de gênero ou em gêneros mais próximos num contínuo³.

Ao tratar da progressão referencial, Marcuschi (2003:19-20) elenca as piadas, os contos (aqui denominados *causos*) e as fábulas em um mesmo domínio, o que torna possível pensar, que, de alguma maneira, esses gêneros poderiam estar relacionados (opto, aqui, por focar minha atenção na aproximação dos gêneros “piada e conto”). O autor postula que, em relação a progressão referencial, de maneira geral, os gêneros desenvolvem-se com algumas características muito especiais e, cada um, à sua própria maneira.

Mesmo que se pense na hipótese de que essa aproximação se manifeste pelas estratégias de condução referencial, citadas por Marcuschi⁴ – o que acarretaria em se fazer uma análise dos

² O texto, neste artigo, a partir de uma concepção dialógica da língua, será pensado, assim como postula Koch (2003:9), “como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais”, como um evento, portanto, em que convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais (...) um construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado...”

³ Segundo Marcuschi (2003:40-42), do ponto de vista sócio-interacional, o contínuo das características “produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc..., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos”.

⁴ Estratégias de condução referencial por metonímias, recategorizações, metaforizações e anaforização pronominal freqüente.

aspectos formais desses gêneros –, acreditei que ela pudesse acontecer por meio dos efeitos de humor que esses gêneros podem evocar.

Selecionei, então, alguns *Causos* de Boldrin (2001), no intuito de encontrar, sob o prisma dos estudos acerca da referenciação, uma interface com o gênero *Piada*. O objetivo da análise foi tentar confirmar, através do processo de referenciação, se a aproximação entre esses gêneros se revela nos efeitos de humor.

Gêneros textuais: uma breve reflexão e critérios de classificação

A questão dos gêneros tem sido uma constante preocupação e, por conseguinte, a cada dia vem sendo mais discutida. Há uma diversidade de estudos, resultando numa variedade de abordagens sobre a questão dos gêneros; há uma busca, incessante, por uma classificação dos discursos – didático, das enfermeiras – polêmico etc. – já que vivemos cercados por uma heterogeneidade de textos. Segundo Matencio (2004: 3-4),

...há os defensores de que os gêneros são formas regulares de atualização das práticas discursivas, ou seja, são “contratos” sociais de interação; há os que acreditam que os gêneros seriam espécies de “modelos mentais” de produção e recepção de textos; há, ainda, os que defendem a concepção de que os gêneros seriam estruturas textuais (materiais, portanto), com maior ou menor flexibilidade.

Dessa forma, os estudiosos da linguagem, em particular os lingüistas, na busca da cientificidade, tentam objetivar, categorizar e classificar seu material de análise.

As ações de linguagem se concretizam discursivamente dentro de um gênero de discurso como um processo de decisão. Nas mesmas condições contextuais, para um mesmo referente, os discursos produzidos podem apresentar características diferentes, portanto um gênero não pode ser visto como uma forma fixa, acabada, pois que implica uma dimensão heterogênea, ou seja, “uma dimensão dialogal que um gênero estabelece com outro no espaço do texto” (BRANDÃO, 2002:38).

Dessa maneira, esclareço que a noção de gênero adotada neste trabalho é aquela assumida por Marcuschi (2002:19), qual seja, como entidades sócio-discursivas e formas de ação social, caracterizados como eventos textuais altamente maleáveis dinâmicos e plásticos.

Como já dito, dentre os gêneros textuais existentes em nossa sociedade centrei minha análise no gênero *causo* e no gênero *piada*, pois penso haver uma aproximação entre eles. Acredito que um dos *causos* de Boldrin, citado a seguir, ilustra bem minhas hipóteses e minhas decisões:

Causo (1) - A gozação (p.73)⁵

O saudoso contador de *causos* Cornélio Pires, meu mestre de Tietê, sempre disse que gozar um caipira é muito difícil. Muitos engravatados da cidade já tentaram, mas o tiro sempre sai pela culatra. Tem até uma curтинha, que é assim:

Um homem da cidade chega para o mineirinho na saída de uma cidadezinha e pergunta: – Oh caipira? Esta estrada vai para São Paulo? – Hómi... se ela vai pra Sum Pólo eu num sei lhe dizê não... Agora, si ela fô simbóra pra Sum Pólo, nós aqui dessa cidade vai sintí muita farta dela. (...) Cornélio tinha razão. (grifo nosso).

Poderíamos, sem delongas, pensar na referenciação tomando para análise as retomadas anafóricas. Só no início do *causo* teríamos “o saudoso”, “contador de *causos*”, “Cornélio Pires”, “meu mestre” e “mestre de Tietê”. Porém, mais que essa questão formal do texto, o que me chamou a atenção é o fato de através do referente “contador de *causos*” pressupormos que em seguida será contado “um *causo*”; no entanto, na seqüência, o referente que introduz a ilustração do dito anterior é “uma curтинha” (por que não “um curтинho”?), que de acordo com nossos conhecimentos prévios, refere-se a uma “piada”. Ficou então a pergunta: Esse *causo* é mesmo um *causo*... uma piada... ou os dois?

Gênero textual *Causo* e Gênero textual *Piada*

As piadas são vistas por muitos estudiosos da análise do discurso como bons exemplos para explicitar princípios de análise lingüística, sendo, portanto, vários os mecanismos lingüísticos responsáveis pela produção dos efeitos de humor em piadas, como, por exemplo, o fonológico, lexical, morfológico, sintático etc. É através desses mecanismos lingüísticos que as piadas se acionam; permitindo-nos perceber que o texto está sempre inserido em seu contexto de produção, e que deste são os elementos que geram significados. Dessa forma, o sentido não está no texto; a materialidade é, antes, a condição básica para que o leitor/ouvinte construa o significado.

⁵ Todos os *causos* citados ou analisados neste trabalho foram retirados do livro “Contando *Causos*”, de Rolando Boldrin (2001). Em todos, será destacada a página na qual o *causo* se encontra.

Grande parte das piadas funciona na base de estereótipos; temas socialmente diversos tais como: sexo, política, racismo, instituições etc., o que nos permite perceber as manifestações culturais e ideológicas. São os valores e problemas da sociedade revelados através do humor; do funcionamento da língua, visto que essa funciona sempre em relação a um contexto culturalmente proeminente e sempre relacionado a outros textos. Vejamos um exemplo de piada racista:

Piada (1)

Perguntaram a um fulano se ele era racista. Ele disse que não, só não gostava muito de alemão. Mas logo de alemão? Por quê? E ele respondeu: É que eles poderiam ter acabado com os judeus e fizeram um serviço de preto.

A meu ver, não muito diferentes são os domínios discursivos sobre os quais versam os *causos*. Para Bronckart (2003:103) “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” e é nessa apropriação que a figura humana é moldada, caracterizada, revelada, como, por exemplo, nos *causos*. Esses, também, tratam de temas socialmente diversos, tais como: sexo, política, racismo, instituições etc. No que se refere aos *causos* de Boldrin, alguns revelam crenças ou costumes, outros são carregados de ingenuidade e absurdos e há aqueles que apenas ressaltam a alma caipira. Todos resgatando o imaginário ou a memória coletiva, “que serve de repertório comum ao maior número de ouvintes”. Vejamos um exemplo de *causo* absurdo:

Causo (2): O caipira e o leão (p.22)

Contava o cumpadi Furquim, que ele estava no meio de uma mata quando surge em sua frente um grande leão. Apavorado, ele tira do bolso um canivete e, olhando para o céu, diz: – Ah, meu bom São Cipriano, me ajuda. Se o sinhô tivé do meu lado, faz com que eu, cum esse canivete à toa, mate esse leão brabo. Se por acaso o sinhô num tivé do meu lado, mas tivé do lado do leão, faz com que ele, cum uma patada só, me mate, que é pra eu num sintí dor. Pra eu morre na hora. Agora... se o sinhô num tivé do meu lado, mas também num tivé do lado desse baita leão aí... me faz um favô. Puxa um banquinho e senta um pouco pra apreciá. O sinhô vai assisti a maió briga da história de São Joaquim. Diz o Furquim que saiu pra briga... e, claro, venceu!!!

Ambos os gêneros fazem parte da prática oral e, no ato de sua enunciação, o contador de *causo* ou de piada adequa-se a um interlocutor real, variando conforme o grupo em que se encontra, a hierarquia dos ouvintes ou dependendo dos laços sociais ou familiares. Isso porque “a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo

individual, é, do ponto de vista de seu conteúdo, de sua classificação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social” (BAKHTIN, 1992).

Um olhar sobre a Referência e a Referenciação

Ao elucidar sobre como a língua refere o mundo, Mondada e Dubois (2003) afirmam que os referentes, ou *objetos de discurso* – como elas preferem chamar –, são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades lingüísticas. Sob tal ótica, também seria interessante falar de *referenciação*, e não de *referência*, de modo a ressaltar a idéia de processo que caracteriza o ato de referir.

Mondada e Dubois (2003:17) defendem uma concepção de língua, segundo a qual “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo”. Dessa forma, as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo elaboram-se no curso de suas atividades, transformando-se a partir de contextos.

Admitindo-se que a língua é uma atividade sócio-interativa, ela não poderá ser vista como uma forma de representar a realidade, o que nos permite dizer que os sentidos emergem na e da interação. Assim, para o processo referencial no texto, o acesso à construção de sentidos partilhados necessitam não só das relações léxico-gramaticais, como, também, das atividades lingüísticas, cognitivas e interacionais.

Na realidade, pode-se dizer que na atividade discursiva não estamos tanto centrados nas expressões referenciais como tal e sim naquilo que com elas fazemos, isto, é nos **objetos de discurso** que são as entidades referenciais “permitidas” ou inferidas numa atividade interativa e no conjunto dos demais elementos do discurso (por exemplo, as outras informações textuais e os nossos conhecimentos pessoais). (MARCUSCHI, 2001:4)

Na ação social situada, o sujeito instaura e diz o mundo, pois não é apenas enunciativo; é também criativo e social, o que levou Marcuschi (2001:4) a dizer que “o ato de referir é um ato criativo no contexto de ações lingüísticas sócio-historicamente situadas”. Em geral, todas as nossas atividades são sempre situadas, seja do ponto de vista social, histórico ou cognitivo. Além disso, são interacionais e não dependem exclusivamente de imposições externas nem de um mundo *a priori*.

Além de as atividades comunicativas não serem puramente lingüísticas, é esclarecido por Marcuschi (2001:2) que “não há uma relação direta e biunívoca entre linguagem e mundo, o que gera conseqüências para a noção de *referência* como um sistema de *enquadre*⁶”. Segundo o autor, é importante observar que, na construção do processo referencial, há uma relação complexa de elaboração da realidade entre os interlocutores e o mundo.

Ao tratar das categorias, no que se refere à identidade cognitiva e ontológica, Marcuschi (2001:5) ressalta que o “contexto sócio-cognitivo é exigido na determinação do sentido. E o sentido não se confunde com a informação nem com o conteúdo”. E se refere a Fauconnier (1997) para dizer que “categorizar é uma maneira de pensar simbolicamente e não de nomear coisas, fatos, dados e assim por diante”. Se pensarmos em categorias, tais como “Portugueses” e “Caipiras”, por exemplo, esses não representam apenas aqueles nascidos em Portugal ou característica dada àqueles que moram no interior (“roça”), respectivamente, uma vez que em se tratando de uma piada, elas seriam, uma espécie de “sistema de referência” para enquadrar um comportamento/característica: “Português” é aquele tido como desprovido de inteligência e “Caipira”, aquele sujeito tranqüilo, manso, por vezes inocente. Fato que como veremos adiante, também acontece em relação aos *causos*.

“O referente pretendido se determina discursivamente no processo de referenciação de maneira progressiva até a identificação. (...) É nesse processo que dois indivíduos, ao interagirem lingüisticamente, chegam a saber do que estão falando e como estão construindo seus referentes. Esses referentes interativamente co-construídos são *objetos de discurso*. E os textos são construídos com estes tipos de objetos e não com as coisas do mundo empírico”. (MARCUSCHI, 2001:6)

Vejamos a seguinte piada:

Piada (2)

Foi quando chegou o amigo do Manuel e o convidou: – Ó gajo! Estou a lhe convidare para a festa de quinze anos de minha filha. – Está bem, patrício. Eu irei. Mas ficarei no máximo uns dois anos.

⁶ A noção de *enquadre*, segundo Costa (2002:32), “diz respeito à percepção das múltiplas estruturas que são relevantes para a construção do sentido num evento”. Para Goffman (2002:107), o conceito de *enquadre* é um princípio básico para a compreensão do discurso oral e para a análise da interação, pois “formula a metagemagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem”.

O referente não apareceu explicitado no texto, mas através do nome próprio Manuel⁷ – nome tipicamente português – e das palavras “gajo” e “patrício”, ativados pelo nosso conhecimento prévio, faz com que cheguemos ao *enquadre* piada de português. Determinado o referente como um “português”, penso que o efeito de humor, em princípio, já estará estabelecido. Isso porque, como em toda piada, o português, como objeto de discurso, do ponto de vista ideológico, está sempre atestando sua burrice que, na piada acima, consiste em pensar que a festa duraria quinze anos.

Numa interação, os participantes *enquadram* o evento a partir das informações atuais e ativam o *frame* adequado para a construção de sentido e produção de textos. Esse processo permite aos participantes construírem os contextos de produção, baseando-se em pressuposições e inferências, a partir das quais serão produzidos os significados (COSTA, 2002:33).

Seguindo essa linha de raciocínio, “os participantes, conforme enquadram os eventos, atribuem sentido aos gestos, às entonações, aos papéis sociais, bem como às informações consideradas relevantes para dar sentido aos atos de fala” (COSTA, 2002:32). Percebo, então, que em alguns *causos* e piadas, em virtude dos papéis sociais que os referentes representam, o sentido de humor é diferenciado entre um e outro. Vejamos a piada e o *causo* abaixo:

Piada (3)

O português foi ser pára-quedista. O primeiro salto seria sobre uma floresta. Chegado o dia, já dentro do avião, o sargento disse: Vocês irão saltar, contar até 10 e puxar a corda que está à esquerda do pára-quedas. Se não abrir, puxe a corda da direita. O pára-quedas vai abrir e ao chegar no chão vocês terão um caminhão da artilharia esperando por vocês. O português foi o primeiro a pular. Puxou a corda da esquerda. Nada. O pára-quedas não abriu. Puxou o da direita. Nada. Já morrendo de medo pensou: agora só falta o caminhão não estar lá embaixo!

Causo (3) – Nos tempos da caserna. (p.18-19)

Esse *causo* é de um capiau que quis ser pára-quedista do Exército. Foi no dia do primeiro salto pra valer. A porta do avião aberta e aquela fila de soldado pra debutar nos pára-quedas. O primeirão era o capiau.

Dizia o sargento instrutor: “Lembre-se. Ao saltar no espaço, você conta até 10 e puxa esta cordinha da esquerda. Se por acaso o pára-quedas não abriu, conte de novo até 10 e puxe esta outra cordinha da direita. O pára-quedas vai abrir e lá no chão, no meio da floresta, estará um caminhão da artilharia para lhe apanhar. Daí você segue para a manobra de guerra simulada”. O capiau acenou com a cabeça e, parodiando os filmes americanos, disse: “Yes, sir (sim, sinhô)!”

Depois de ouvir as instruções, o nosso capiau cai no espaço e começa a contagem: 1-2-3-4-5-6-7-8-9 e 10! Puxa a primeira cordinha... NADA! Desesperado, conta mais dez... NADA! De novo o pára-quedas não abriu. Ao que ele, como bom caipira que era, pensa, falando de si para si mesmo: “Só farta agora o tar caminhão num tá me esperando lá embaixo”.

⁷ Ainda que para alguns estudiosos a referência definida seja constituída, dentre outras, pelos nomes próprios, cuja função seria designar indivíduos independentemente do contexto, penso não ser uma afirmação possível de ser sustentada neste exemplo. Como veremos adiante, o nome próprio Manuel não possui a mesma significação independente do contexto da piada citada.

Tanto o *causo* quanto a piada, em termos de temática, são a mesma coisa, o que nos faz pensar que os efeitos de humor, também, o são; que houve, apenas, uma mudança de referente. As pessoas partilham pressupostos armazenados na memória que são ativados pelo texto através de pistas, nem sempre explícitas, mas acessíveis para o processamento textual. Nesse caso, retomando os referentes dos dois textos, teremos o “português”, na piada e o “caipira”, no *causo*. Como vimos, o primeiro busca na memória o fato deste referente ser visto como “burro”, o que faz com que o sentido de humor esteja no fato de a burrice dele ser tão grande que nem parou para pensar que ele morreria, portanto não faria diferença se o caminhão iria estar ou não esperando-o. Já o segundo referente, por ser visto como um homem tranqüilo, inocente leva o leitor/ouvinte a rir da própria inocência. Aliás, a retomada do referente, através da predicação, em “como bom caipira que era” reafirma essa asserção, pois exige do interlocutor acionar a representação social desse referente no mundo real, do contrário o efeito não acontecerá.

Câmara Cascudo (*apud* GUIMARÃES, 2002:91-92) explica que:

Cada conto, cantiga ou anedota popular é constituído por elementos justapostos, encadeados, formando o enredo, o assunto, o conteúdo. Esses elementos não figuram virgens e novos, mas já provenientes de outros discursos, como acontece no próprio processo discursivo da língua. A novidade consiste na forma tomada por esses elementos-temas para a combinação do momento.

Há uma disposição do enredo matriz e a maior ou menor aproximação desse referencial produz as variantes. Essas variantes são os mesmos enredos com diferenciações que podem trazer as cores locais, algum modismo verbal, um hábito característico, uma frase, denunciando, no espaço, uma região, no tempo, uma época.

O que não se pode perder de vista, é que mudando o referente, quase sempre, mudarão os efeitos de sentido. Tomando-se o *causo* e a piada – gêneros que se valem dos estereótipos⁸, por exemplo – o quadro de referência que permitirá o *enquadre* é outro. Assim, penso não se tratar apenas de criar variantes, diferenciadas só pela cor local, modismo verbal, hábito etc. Trata-se, na verdade, de uma questão semântico-discursiva.

A referência, no dizer de Marcuschi (2001:6), “é uma atividade de criação discursiva de referentes e não uma entidade do mundo”; ela diz respeito aos processos de identificação de

⁸ Segundo Kock (2003:41), os estereótipos “constituem representações sociais” e todo o conhecimento representado sob a forma de modelos cognitivos generalizados (frames, scripts, cenários etc.) é um conhecimento estereotípico.

indivíduos, fatos, estados de coisas, ações, entidades de todo tipo no discurso. Além disso, em se tratando dos estudos semântico-discursivos, as questões acima, nos remetem a uma das tendências básicas no tratamento da atividade de criação discursiva, citada por Marcuschi (2001:7), qual seja: “uma noção de linguagem como atividade sócio-cognitiva em que a interação, a cultura, a experiência e aspectos situacionais interferem na determinação referencial”.

Essa teoria toma a língua como atividade e postula o texto como um evento, portanto, não se admite, que os referentes sejam sistematicamente objetos do mundo, já que se caracterizam como *objetos de discurso*. Tanto nos *causos*, como nas piadas, a interação, a cultura, a experiência e aspectos situacionais interferem na determinação referencial e, por conseguinte, nos efeitos de sentido de humor.

Efeitos de sentido: o humor

Existem muitos estudos sobre humor, porém, a maioria deles, referentes às questões fisiológicas, psicológicas e sociológicas. No entanto, o que mais me interessou neste estudo lingüístico foi o estudo da língua como um dos meios de se provocar o efeito de sentido de humor.

Disse anteriormente que os referentes se caracterizam como objetos de discurso, portanto, na interação, para que um texto faça sentido, é preciso que os falantes entrem em acordo a respeito dos objetos, de forma a torná-los objeto de discurso. Além das informações expressas pela língua, há varias outras implícitas. Essas informações só podem ser acessadas através dos conhecimentos que os participantes têm do contexto e de como eles o representam.

Ao produzir um texto, o indivíduo leva em conta a sua representação individual do evento de interação. O seu interlocutor também construirá para si uma representação do evento. Os interlocutores realizam um processo de construção e compreensão do discurso, no qual os objetos de discurso, negociados na e pela interação, possibilitam aos interlocutores construir os sentidos (COSTA, 2002:63)

O processo de referenciação é, então, de suma importância para a construção dos sentidos. Para fazer o outro rir, ou seja, para que o texto faça sentido e o efeito de humor se realize, o interlocutor precisará ter informações suficientes para poder partilhar os objetos de discurso e discorrer sobre eles durante a interação. Isso confirma a importância da referenciação

enquanto atividade discursiva construída na e pela interação, já que o sentido não está no texto, mas construído na interação texto-sujeitos.

A produção de sentidos é uma “atividade interativa” extremamente complexa. O produtor e o interpretador são, apropriando-me das palavras de Koch (2003:19), “‘estrategistas’, na medida em que, ao jogarem o ‘jogo da linguagem’, mobilizam uma série de estratégias – de ordem sociocognitiva, interacional e textual – com vistas à produção do sentido”.

O ouvinte leitor, seja de piadas ou contos, constrói sua coerência ao ser capaz de estabelecer mentalmente uma continuidade de sentidos.

Causo (4) Causos de dasavenças – (p.78-79)

...Estou dizendo que essa minha raça é fogo na marreta com esse negócio de rancor. Tem um causo também desses de dasavenças de família. Aí, é pior ainda, porque mexe com o sangue, com o parente, e então complica tudo. É sentimento da mãe, do pai e de quem tiver perto e se envolver com a tal história.

Pois um caboclo casado brigou com dois irmãos da mulher lá dele. Dois cunhados. E vai daqui, vai dali, já fazia bem uns 5 anos de rusga. Dizia ele que não podia nem olhar pra cara de um deles. Um se chamava João e o outro era o Antonho.

Eis que, um belo dia, o tal cumpadi rancoroso cai de cama e fica vai não vai. Morre não morre. Pra surpresa da mulher lá dele, de repente o dito cujo pede pra esposa ir correndo chamar os dois desafetos. Os irmãos dela. O João e o Antonho.

A mulher vibra radiante, embora o momento fosse de dor, pois o marido tava desenganado e ela achou que, com esse pedido, o mesmo quisesse perdoar os seus dois irmãos e, assim, partir em paz pra última morada. Tenho que lembrar que essas dasavenças na família eram o maior desgosto da comadre.

Bom. Diante desse pedido do moribundo, a esposa saiu correndo e foi bater à porta da casa onde moravam os seus irmãos, João e Antonho. E ela pede entre lágrimas: 'João! Antonho! O Zé qué cunversá cum vancês antes de embarcá. Vamu lá em casa, pelo amor de Deus. Vamu fazê esse úrtimo pedido do meu marido. Ele qué perdoá ocêis pru causa dessa dasavença antiga. Vamu lá!'

Os dois irmãos, meio a contragosto - pois também tinham aquele rancor guardado nos peitos -, diante de tanta insistência da irmã chorosa e prestes a ficar viúva, resolvem atender ao pedido de quem já estava mais pra lá do que pra cá.

A cena seguinte, que foi a cena do reencontro, se deu no quarto do moribundo, e foi assim:

João? Chega pra cá. Vem aqui do meu lado esquerdo. Bem pertinho de mim. Antonho? Ocê tomêm. Chega pra cá pro meu outro lado da cama. Bem pertinho de mim tomêm.

João e Antonho se aproximam, um de um lado da cama e o outro do outro lado.

Quando os dois estão colocados, o moribundo diz:

- Eu quero morrer quiném Jesus. Um ladrão de cada lado.

Durante todo o texto vai-se construindo um sujeito rancoroso, moribundo, que está “mais pra lá do que pra cá” (expressão que na voz do senso comum refere-se a alguém que está morrendo) e que em seu leito de morte, manda chamar seus dois “desafetos”. Toda a progressão cria no leitor/ouvinte uma expectativa de perdão, o que não acontece no final do

conto. O efeito de humor, no entanto, não está nesse fato e, sim, numa troca surpreendente de referentes. Ao comparar sua morte com a de “Jesus”, o ouvinte/leitor precisa buscar na memória a representação social desse referente no mundo real; há uma ativação, dentre os conhecimentos supostamente partilhados com o ouvinte/leitor, de características ou traços do referente que o contador procura ressaltar ou enfatizar, criando, assim, uma expectativa de esclarecimento, ou seja, o perdão divino. Na verdade, ocorre que o enunciado seguinte é aberto com a expressão referencial “um ladrão”, provocando uma quebra brusca na referenciação. O leitor/ouvinte é obrigado a mudar de *enquadre*, rapidamente, para que possa produzir sentido para o enunciado e perceber o efeito de humor, ou seja, morrer “quiném Jesus” não significa perdoar, mas ter um ladrão a cada lado. Dentro do contexto do *causo*, em outras palavras, o *enquadre* não é de perdão, mas de reafirmar uma desavença.

Segundo Possenti (2001:76), “o discurso humorístico, embora não só ele, não está interessado em manter relações de significação num mesmo sistema de referência, sendo, aliás, a justaposição de mais de um deles uma fonte freqüente desse tipo de efeito de sentido”.

Considerações finais

A análise feita, não me permite, nesse momento, postular que há no *causo* um embricamento de gêneros: piada e conto, uma vez que, como mostrado, se trata de um tema controverso, repleto de estudos e de opiniões dispares. Mas, se não posso/devo fazer essa asserção, no mínimo penso não poder deixar de dizer que os gêneros, uma vez socializados, não podem ser considerados somente em sua forma. É fundamental que se perceba os fins a que tal texto se destina, pois como posso falar em gênero se como vimos, parece-me que os propósitos dos *causos* analisados são de uma piada?

Dessa maneira, se o objetivo da análise era tentar confirmar, através do processo de referenciação, se a aproximação entre esses gêneros se revela nos efeitos de humor, acredito poder afirmar que sim; que me sinto a vontade para dizer que, no mínimo, temos neste estudo, um exemplo de gêneros diversos aproximados não pela forma, mas pelos efeitos de sentido que esses gêneros pretendem evocar.

Além disso, acredito ter contribuído para reflexões no campo dos estudos da linguagem ao mostrar, mesmo que sucintamente, que o processo de referenciação na produção de efeito de

humor é uma constante. Isso demonstra que esse, também, é um fenômeno constitutivo da linguagem, visto que se instaura em gêneros textuais diversos.

Fazemos uso da linguagem de forma tão espontânea, tão intuitiva que não percebemos o quanto é importante entender a relevância de teorizarmos sobre ela. Conto e piada são práticas discursivas distintas, mas em sua construção há um processo em comum e “aparentemente” simples: a referencialidade. Processo esse que, nesses gêneros, pode modificar toda uma representação histórica e social instaurada no mundo real, o que leva a provocar, dentre outros, os efeitos de humor.

Penso que o estudo da referência será sempre caro às pesquisas na área da Linguística Textual; a todos os que têm nas questões relativas ao texto e à produção de sentido um interesse maior. Afinal, “a arte de fazer cócegas no raciocínio dos outros” apenas confirma o quanto podemos fazer através do uso da linguagem.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOLDRIN, Rolando. **Contando Causos**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do discurso na escola**: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 5). p.17-45.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

CAVALCANTE, Mônica M., RODRIGUES, Bernardete B., CIULLA, Alena. (Orgs.). **Referencialidade**. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).

COSTA, Daniela dos Santos. **Referencialidade dêitica**: construção da referência e contexto situacional. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2002.

GUIMARÃES, Maria Flora. O conto popular. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do discurso na escola**: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 5). p.85-117.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Atividades de referenciação no processo de produção textual e o ensino de língua**. I ENCONTRO NACIONAL DO GELCO, Campo Grande, 10 a 13 de outubro de 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **O estudo dos gêneros do discurso: notas sobre as contribuições do interacionismo**. 2004. (texto a ser publicado).

MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica M., RODRIGUES, Bernardete B., CIULLA, Alena. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Lingüística). P.17-52.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001.